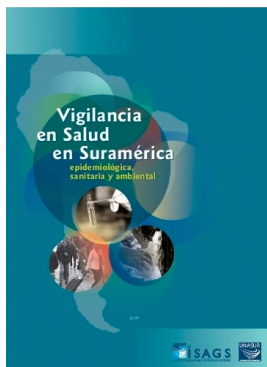


## RESENHA

## Vigilancia en Salud en Suramérica: epidemiológica, sanitaria y ambiental



*Instituto Suramericano de Gobierno en Salud; Eduardo Hage Carmo; André Gemal; Suelen Oliveira (orgs.). Rio de Janeiro: ISAGS, 2013. 221 p. ISBN 978-85-87743-21-3*

**Ana Cristina Souto**  
 Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia (ISC/UFBA), Salvador, BA, Brasil  
 E-mail: [ana1souto@yahoo.com.br](mailto:ana1souto@yahoo.com.br)

Com o processo de construção da Reforma Sanitária brasileira e de implementação do Sistema Único de Saúde ampliou-se no Brasil o debate no sentido de construção de propostas alternativas ao modelo médico-assistencial. É nesse contexto que emerge, no início dos anos noventa, a temática da vigilância em saúde.

O tema produziu debate acadêmico a partir de três abordagens teóricas distintas. Uma delas, denominada de vigilância à saúde, era voltada para o controle de causas e riscos em um determinado território e visava superar a dicotomia entre as práticas coletivas e as práticas individuais. A outra, denominada vigilância em saúde, correspondia à ampliação do Sistema Nacional de Vigilância Epidemiológica para além das doenças transmissíveis. A terceira foi concebida como uma estratégia de reorganização dos modelos de atenção à saúde<sup>1,2</sup>.

Nesse período foram realizadas experiências-piloto em secretarias municipais (São Paulo, Belo Horizonte, Fortaleza e Natal), ao mesmo tempo em que o termo vigilância em saúde ocupava os espaços institucionais, figurando no organograma do Ministério da Saúde e de algumas secretarias estaduais e municipais de saúde, sendo utilizado para denominar unidades responsáveis por atividades de vigilância epidemiológica, vigilância sanitária e de saúde do trabalhador. Nas duas últimas décadas, o emprego do termo avança nas instituições ao mesmo tempo que o debate acadêmico, a partir de importantes contribuições<sup>1-8</sup>. Entretanto, a partir de 2011, a vigilância em saúde parece quase esquecida nas discussões na Saúde Coletiva brasileira.

A atual publicação do *Instituto Sulamericano de Gobierno en Salud* (ISAGS), órgão do Conselho de Saúde da União dos Países Sulamericanos (UNASUR), vem contribuir para reavivar o debate, desta vez ampliando-o para os países da América do Sul. Representa, ainda, mais um resultado de importantes iniciativas desse Instituto que vêm sendo desenvolvidas em países da América do Sul, afirmando a sua missão, que é a de fazer circular conhecimento, ampliando os debates no campo da saúde. Parabéns ao ISAGS, aos organizadores e aos autores envolvidos na empreitada!

A publicação é organizada por três colaboradores brasileiros do ISAGS (Eduardo Hage, Andre Gemal e Suelen Oliveira) que têm trajetórias profissionais e militância política na Saúde Coletiva. A obra corresponde, ainda, ao desdobramento de uma extensa obra publicada em 2012, denominada *Sistemas de Salud en Sulamerica: desafios para la universalidad, la integralidad y la equidad*.

O livro se estrutura com um prólogo, uma apresentação, uma introdução ao tema e duas partes. A primeira, denominada “Contexto, componentes y agenda en Vigilancia en Salud en America del Sur”. E a segunda de “Vigilancia en Salud como espacio de fortalecimiento de los sistemas de salud en America del Sur”.

Na introdução, Gerluce Silva e Jairnilson Paim apresentam ao leitor o estado da arte da produção científica, em forma de artigos indexados nas bases Scielo e Lilacs, sobre concepções e práticas em vigilância à saúde na América do Sul nos últimos 20 anos (período do debate no campo da saúde). Identificam uma importante polissemia do termo e pequena produção acadêmica sobre o tema na América do Sul.

A primeira parte é composta por oito capítulos: o primeiro, o sexto e o último são relacionados à vigilância epidemiológica e outros quatro à vigilância sanitária. O sétimo capítulo aborda um importante tema: os desastres e suas consequências para a população da Região. Chama-se a atenção do leitor para a ausência da vigilância ambiental nesta parte sobre “Contexto, componentes



e agenda em vigilância em saúde na América do Sul”. O texto *Mudanças Epidemiológicas Recentes na América do Sul*, de Teixeira et al., oferece ao leitor um panorama sobre a morbimortalidade na região e a evolução de indicadores demográficos e socioeconômicos. No segundo capítulo, Aizaga e Cevallos apresentam a gestão dos sistemas de vigilância sanitária na Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai e Venezuela, a partir de exposições realizadas por representantes institucionais dos ministérios da saúde desses países em uma Oficina sobre Sistemas de Vigilância Sanitária na América do Sul, realizada no Rio de Janeiro, no ano de 2011. Chamou atenção neste capítulo, a pouca ênfase que o representante do Brasil deu ao processo de descentralização que vem se constituindo como importante avanço desde o processo de implementação do SUS e do SNVS.

Os capítulos três e quatro apresentam ao leitor a atual problemática de riscos, segurança, acesso, inovação e regulação relacionados aos objetos de interesse da vigilância sanitária, em especial os medicamentos, alimentos e produtos para a saúde. A comunicação de riscos em vigilância sanitária é apresentada e discutida com propriedade e domínio da temática por Lizaraso e Amador. O quinto capítulo refere-se ao cenário internacional e à cooperação entre países da UNASUL na construção e articulação de seus sistemas de saúde. O último capítulo desta primeira parte refere-se às doenças não transmissíveis.

A segunda parte do livro destina-se à apresentação de experiências inovadoras nos sistemas de Vigilância em Saúde da Região, e no capítulo final os organizadores da obra apontam os principais avanços e desafios dos sistemas de vigilância em saúde na América do Sul. Apresentam ainda um rol de quinze propostas para a construção de uma agenda de vigilância em saúde na região.

As experiências selecionadas nesta parte do livro estão relacionadas a aspectos relevantes para o desenvolvimento das vigilâncias na América do Sul. Duas delas relacionam-se ao controle de malária; outras duas experiências foram realizadas no município de Belo Horizonte, Brasil: uma relacionada à vigilância da Infecção Respiratória Aguda e a outra ao controle da dengue.

Na temática da vigilância sanitária, foram selecionadas cinco experiências. A primeira, projeto EDUCANVISA, corresponde à educação em saúde relacionada aos objetos de ação da vigilância sanitária. Atingiu cerca de noventa mil estudantes e mais de novecentas escolas públicas no país. A segunda experiência apresentada foi sobre gestão na Agência de Vigilância Sanitária Argentina (ANMAT), com a criação do observatório da Agência Reguladora. A terceira e a quarta referem-se a duas experiências na vigilância sanitária uruguaia, uma relacionada à avaliação de incorporação de tecnologias e a outra sobre o processo de criação do Sistema Nacional de Tecnovigilância.

Apesar da relevância da obra para o desenvolvimento da vigilância em saúde na América do Sul, gostaria de destacar três aspectos que percebi limitantes. O primeiro deles é um trabalho feito predominantemente por autores ligados às ins-

tuições de saúde e, nesse sentido, apresenta a mesma limitação que a obra anterior do ISAGS. Ou seja, uma obra predominantemente constituída de temas escritos por dirigentes e técnicos dos ministérios da saúde faz com que, certamente, alguns limites e dificuldades sejam poupados de serem apresentados. O segundo é um certo desequilíbrio entre as temáticas no interior do livro. A temática da vigilância epidemiológica tem mais evidência, seguida pela da vigilância sanitária. É marcante a pouca visibilidade da vigilância em saúde ambiental, apesar de ser uma atividade e tema de extrema relevância no mundo contemporâneo. A terceira limitação refere-se ao afastamento de questões estruturantes na obra anterior citada no início desta resenha, da qual o livro é um de seus desdobramentos. Pouco se evidencia a relação entre vigilância em saúde com direitos sociais e saúde; universalidade, integralidade e equidade; determinação social da saúde; e interculturalidade. Estes temas, fortemente estabelecidos na primeira obra, pouca expressão têm nesta segunda.

Por fim, parabênizo mais uma vez o ISAGS, os organizadores e autores envolvidos na produção do livro, em especial porque trouxeram de volta a temática da vigilância em saúde, desta vez ampliando-a para a América do Sul.

## Referências

1. Arreaza ALV, Moraes JC. Vigilância da Saúde: fundamentos, interfaces e tendências. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2010;15(4):2215-28. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232010000400036>
2. Arreaza ALV, Moraes JC. Contribuições teórico-conceitual para a pesquisa avaliativa no contexto da vigilância da Saúde. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2010;15(5): 2627-38. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232010000500037>
3. Paim JS. A Reforma Sanitária e os modelos assistenciais. In: Rouquayrol M Z, organizador. *Epidemiologia e saúde*. 4a ed. Rio de Janeiro: MEDSI; 1993. p. 455-66.
4. Silva GAP, Vieira-da-Silva LM. Health Surveillance: proposal for a tool to evaluate technological arrangements in local Health systems. *Cad. Saúde Pública*. 2008;24(11):2463-75. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2008001100002>
5. Silva Junior JB. *Epidemiologia em serviço: uma avaliação de desempenho do Sistema Nacional de Vigilância em Saúde (tese de doutorado)*. Campinas: Faculdade de Ciências Biomédicas da Universidade Estadual de Campinas; 2004.
6. Teixeira CF, Paim JS, Vilasboas AL. SUS, Modelos Assistenciais e Vigilância da Saúde. *Inf Epidemiol SUS*. 1998;7(2):7-28.
7. Teixeira, CF, organizador. *Promoção e vigilância da saúde*. Salvador: ISC; 2002. *Promoção e vigilância da saúde no SUS: desafios e perspectivas*; p. 101-25.
8. Teixeira, CF. *Promoção e vigilância no contexto da regionalização da assistência à saúde* *Cad Saúde Pública*. 2002;8 supl:S153-62. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2002000700015>